

4

Em direção à ultrapassagem da oposição pulsão/objeto

A psicanálise situa-se entre letras e ciências, entre a linguagem analógica e a linguagem digital, entre o corpo sensorial e o código conceitual. Cada psicanalista, segundo seu temperamento, segundo os momentos da história da psicanálise, acentua uma ou outra tendência. Sou daqueles – como Freud e Winnicott se tal comparação não parece imodesta – que se esforçaram para ficar no entre-dois, no coração dessa tensão epistemológica entre o sensível e o inteligível, entre a clínica e a metapsicologia, entre o pensamento por imagem e o pensamento abstrato, entre os representantes de coisas e os representantes de palavras. Muito descritivo, um conceito não é operatório o suficiente. Mas despojado de tudo o que seria figurativo, ele alimentaria somente uma máquina de pensar (Anzieu).

4.1

Intrapsíquico e intersubjetivo

A revisão da teoria das pulsões é, para Green (2002a), o aspecto que melhor caracteriza a mudança do cenário psicanalítico depois de Freud. A partir do crescente desenvolvimento da teoria das relações de objeto, da psicologia do *self* e da corrente interpersonalista americana, a teoria das pulsões foi sistematicamente censurada por negligenciar, ou mesmo omitir, o papel do objeto externo, ou seja, o papel do outro⁹⁹, na constituição do psiquismo. O principal teor dessa crítica concerne ao caráter solipsista da teoria da pulsão de Freud que, com sua metapsicologia, teria concebido o aparelho psíquico em termos de uma maquinaria endógena praticamente automática e autônoma. Se, por um lado, pode-se argumentar que essa análise é um tanto caricatural, não havendo nada mais distante do pensamento de Freud do que a idéia de um funcionamento psíquico fixo e estereotipado, por outro, uma caricatura apenas exagera o que está lá para ser visto e não seria de todo incorreto afirmar que o poder transformador, criativo e dinâmico do inconsciente é abordado praticamente sem que a função do objeto externo seja considerada.

Do ponto de vista de Freud, no entanto, a novidade a ser enfatizada era justamente a força determinante do pulsional em contraposição tanto às excitações externas como à atividade voluntária da consciência; em suma, ele

⁹⁹ Green (2002a) lembra que, embora a introdução do outro (pequeno e grande) na psicanálise deva ser creditada a Lacan, o que está em questão aqui é o outro enquanto semelhante, capaz de identificar-se empaticamente e, dessa forma, vir ao encontro do desamparo do sujeito. Do ponto de vista aqui adotado, o outro enquanto alteridade, radicalmente diferente, seria uma conquista posterior do desenvolvimento, a partir da primeira identificação com o outro semelhante, ou seja, após a construção do Eu ter adquirido certa estabilidade.

“queria marcar o papel do estrutural contra o conjuntural, aquele da regularidade contra o acidental” (Green, 2002a, p.46). Tratava-se de reconhecer a autonomia da vida pulsional, sua ancoragem no biológico e sua irredutibilidade à experiência adquirida, enfatizando o que no ser humano insistia em se manifestar contra a sua vontade consciente, ou seja, o que nele era mais forte do que ele¹⁰⁰. Por conta dessa ênfase, contudo, a prática de Freud acabou sendo criticada por caracterizar-se como um teatro íntimo de instâncias antropomórficas intrapsíquicas em conflito, assim, como afirma Baranes (1993), “[o] objeto é contingente, (...) já que Freud tem a preocupação de conceitualizar o intrapsíquico, a mônada, qualquer que seja a ênfase dada a posteriori pelos psicanalistas à famosa nota de 1911, referente aos cuidados maternos” (p.172).

A principal via encontrada por Freud para falar do objeto foi a fantasística, oscilando entre a subestimação do objeto na perversão e sua superestimação nos estados amorosos. Mesmo quando considerou a questão através do luto e da melancolia, ela permaneceu subordinada a uma problemática narcísica, que abordava o objeto pela sua ausência. Temendo uma regressão da teoria psicanalítica a uma concepção excessivamente apoiada na conjuntura e na realidade externa, reduzindo o papel do inconsciente e aumentando a prevalência do consciente, Freud não se ocupou da temática do objeto. Coube a seus sucessores desenvolver um estudo mais aprofundado sobre sua função na constituição do psiquismo e no processo analítico.

[P]arece que Freud sempre teve alguma reticência a enfatizar demais o objeto, como se temesse encontrar-se preso em uma alternativa, um pouco diferente daquela da perversão e do amor e que seria a superestimação ou a subestimação do objeto interno (e reciprocamente do objeto externo). É, aliás, no que se dividirão Melanie Klein e Anna Freud (...). Freud sempre cuidará para nunca se afastar de uma base teórica que ele tinha por certa: a primazia das pulsões (Green, 1990a, p.16).

Nesse sentido, ao conceber um ego rudimentar dirigido por pulsões e capaz de formar relações de objeto primitivas na fantasia, Melanie Klein foi uma verdadeira precursora. Em Klein o objeto é, desde sua origem, intimamente ligado à pulsão, não se limitando a ser simplesmente aquilo através do qual a satisfação pode ser obtida. Na medida em que fantasia e pulsão estão intrinsecamente ligadas, esta última não precisa primeiro encontrar o objeto para depois fantasiá-lo. Isto é, a proposição de uma atividade fantasística primária em

¹⁰⁰ “Na teoria, a pulsão e a instância que a conota, o isso, representam na idéia de Freud o mais impessoal, o menos suscetível de uma vontade individual, tanto por sua ancoragem no corpo quanto por sua ligação com o solo específico (a espécie)” (Green, 1975, p.190).

Melanie Klein, como afirma Widlöcher (2000), implica imediatamente a existência do “objeto como predicado do desejo” (p.10). Apesar de ser uma das pioneiras da perspectiva das relações de objeto, sua abordagem é, ainda, essencialmente intrapsíquica, e, em certo sentido, em um grau mais forte do que a de Freud, pois Klein concentrou-se essencialmente nas representações das pulsões e de seus objetos nos sistemas intrapsíquicos da fantasia.

Para um autor da relação de objeto, como Fairbairn, por exemplo, não bastava dizer, como fez Klein, que o objeto está embutido no impulso desde o início. Para este autor, o objeto é o que a energia libidinal busca, ou seja, a libido não busca o prazer, mas o objeto, a relação com o outro¹⁰¹. Para Fairbairn, no modelo pulsional clássico, o bebê humano nasce fundamentalmente não relacionado a outros e sua maior tarefa consiste em diminuir a tensão interna. Nesta perspectiva, portanto, o relacionamento com outros é secundário e resulta de sua utilidade em reduzir as tensões e fornecer prazer. Fairbairn sugere que o bebê é, de imediato, voltado para o outro e sua busca de relação faz parte de suas competências adaptativas de sobrevivência biológica.

Em uma posição intermediária, também adotada como fio condutor nesta tese, outros autores do Grupo dos Independentes, como Balint e Winnicott, substituem a importância dada por Klein às pulsões por uma teoria das relações objetivas primárias, enfatizando particularmente os fatores externos e o ambiente, sem, contudo, eliminar por completo o pulsional. Sua revisão, muito menos radical do que a de Fairbairn, implica uma restrição do alcance da teoria pulsional e a priorização de uma dimensão não pulsional da experiência na constituição do psiquismo.

A psicanálise pós-freudiana, em ampla medida, preocupou-se em mapear o domínio pré-edípico, afirmando que sua contribuição não estava em desacordo com a teoria freudiana clássica das neuroses, mas que apenas vinha complementar o estudo das experiências precoces e das patologias mais graves, não-neuróticas, antes rotuladas de inalisáveis. Voltar-se para o pré-edípico,

¹⁰¹ Balint (1956) trata a mudança cardinal proposta por Fairbairn como um erro de paralaxe do observador. Segundo Balint, Fairbairn só fez a afirmação de que a libido está em busca de objeto e não de prazer porque incorreu em um erro comum no meio psicanalítico, o de distanciar-se do significado original de uma palavra que dá nome a um conceito. Freud usou a palavra latina *libido* por não ter encontrado no alemão alguma que denotasse “o fator de intensidade de todos os esforços sexuais”. Mas, segundo Balint, *lust* (desejo sexual em alemão) poderia ter sido usado no inglês mantendo o sentido original que Freud queria quando escolheu a palavra *libido*. “Tivessem os tradutores usado ‘*lust*’ ao invés de ‘*libido*’ Fairbairn nunca poderia ter dito, ‘*lust* não está em busca de prazer’, já que teria sido obviamente auto-contraditório. Para descrever suas importantes experiências clínicas ele teria sido forçado a inventar um novo termo para o que hoje chama libido, ou teria tido que formular diferentemente suas conclusões teóricas” (p.283).

entretanto, implica uma mudança de foco do pai para a mãe¹⁰², ou seja, implica a “subordinação de questões triangulares de conflito sexual para diádicas de separação e individuação” (Rudnytsky, 1991, p.xi). Com a crescente insistência na dimensão relacional, a referência à pulsão foi ou suprimida, ou mantida enquanto um motor, sem muita especificidade, do processo, o que teve como consequência a restrição do papel da sexualidade. Nesse cenário de discussão, pulsão e objeto tornam-se dois pólos opostos, culminando em uma tendência a se pensar a constituição psíquica a partir de um sentido ou de outro de forma excludente. Mesmo sendo difícil designar qual corrente assume de forma radical um posicionamento unilateral deste tipo, à guisa de esquematização, pode-se dizer que ocorreu uma divisão na qual, do lado do intrapsíquico, encontra-se a teoria pulsional enquanto uma *one-body psychology* e, do lado do intersubjetivo, a perspectiva inaugurada pela relação de objeto, apoiando-se em especial na idéia de uma *two-bodies psychology*¹⁰³. Cabe lembrar que um mesmo fenômeno pode ser lido a partir das duas grades, intrapsíquica e intersubjetiva, mas, como assinala Green, ambas as soluções são insatisfatórias. Seria mais interessante considerar que as leituras intrapsíquica e intersubjetiva são indissociáveis, só se prestando à decomposição por motivos didáticos, na medida em que facilitem uma melhor compreensão do que pertence aos planos do si-mesmo e do outro. Priorizar uma perspectiva em detrimento da outra acarreta importantes reflexos não apenas para os modelos teóricos em si, mas, sobretudo, para o processo analítico, modificando a concepção de transferência, do papel do analista e do trabalho interpretativo.

O fato é que restringir o debate a uma oposição na qual, de um lado, tem-se a teoria da pulsão, e, de outro, a relação de objeto, é extremamente simplista e esquemático e a discussão recai, freqüentemente, na antinomia ingênua desejo/necessidade. Antes de se considerar uma mera distinção entre interno (intrapsíquico) e externo (intersubjetivo), opondo pulsão e objeto, é importante lembrar que o objeto deve ser pensado em um lugar duplo, pertencendo ao espaço interno consciente e inconsciente, mas também ao espaço externo enquanto outro sujeito. “Pois o externo, para a estruturação psíquica, não é

¹⁰² “Na psicanálise britânica depois da guerra não houve tanto um retorno a Freud, como aconteceu na França com o trabalho de Lacan, quanto um retorno à mãe” (Philips, 1988, p.10).

¹⁰³ Trata-se de uma expressão de Rickman (1957) para quem *one-body psychology* descreve o que ocorre dentro de uma pessoa tomada isoladamente, ou seja, o que ele chama de psicologia introspectiva, dos reflexos, dos problemas neurológicos mais simples, da memória, da aprendizagem etc. Seria um tráfego de mão única em oposição à *two-bodies psychology* (mão dupla). A Psicanálise seria uma *two e three-bodies psychology*, ela “estuda a relação existente quando duas pessoas estão em uma região mais ou menos próxima e estão vinculadas uma a outra pela realização de objetivos, tarefas ou necessidades simultâneas” (Rickman, 1957, p.219).

apenas a realidade, mas, (...) simbolizando-a e significando-a, o que se designa por objeto em psicanálise, que, em realidade, remete ao outro sujeito” (Green, 2002a, p.39).

Mesmo em Freud a teoria do objeto não é unívoca; a definição enquanto o componente mais variável da pulsão difere muito do objeto único que será mais tarde teorizado na melancolia. Nesta última, como se sabe, ele é insubstituível, sendo o Eu obrigado a sacrificar uma parte de si mesmo para suprir sua falta. Como já foi dito, mesmo não tendo desenvolvido essa temática, no final de sua vida, ao substituir as pulsões sexuais pelas pulsões de vida ou de amor, Freud interessou-se cada vez mais pelas relações entre o Eu e o objeto, levando a pensar que uma teoria da relação de objeto poderia ser o caminho natural rumo a uma possível terceira tópica¹⁰⁴. Fairbairn é um dos que não exclui tal hipótese.

Nunca esteve na intenção de Freud (...) dar a impressão de que todos os problemas da psicopatologia podiam ser resolvidos em termos da psicologia do impulso; e nas últimas fases do seu pensamento – a partir de uma altura que se pode convenientemente datar da publicação de ‘O Eu e o Id’ – a sua atenção dirigiu-se predominantemente para o crescimento e as vicissitudes do Eu (Fairbairn, s/d, p.83-4).

A idéia de uma terceira tópica capaz de reunir os pontos de vista da pulsão e da relação de objeto está em pauta há algum tempo no meio psicanalítico¹⁰⁵. Green foi o primeiro a levantar a questão, em 1974, no artigo *L’analyste, la symbolisation et l’absence dans le cadre analytique*, sugerindo a necessidade de se pensar o espaço analítico em termos de *self* e de objeto. Em um recente congresso¹⁰⁶, organizado com o intuito de discutir as possíveis articulações entre a teoria da relação de objeto e a teoria pulsional, ficou claro que o apelo a uma terceira tópica é uma tentativa de resposta ao pluralismo teórico atual, visando evitar um ecletismo incoerente. Toda a discussão diz respeito à possibilidade de fundamentar uma teoria das organizações não neuróticas, que leve em conta uma dimensão intersubjetiva, sem abrir mão de uma perspectiva metapsicológica, ou seja, sem perder de vista o que seria a marca registrada da psicanálise. Trata-se em especial de uma preocupação de parte da psicanálise francesa, que tem em Green e, mais recentemente, em Roussillon, seus

¹⁰⁴ “Ao substituir, a partir de 1920, as pulsões sexuais pelas pulsões de vida ou de amor (Freud 1938), considerando que a função sexual e seu indício, a libido, são os melhores meios de conhecê-las, é o próprio Freud que abre a via da teoria da relação de objeto, pois falar de amor necessariamente implica referir-se ao objeto” (Green, 1990b, p.215).

¹⁰⁵ Cf. Green (1975, 1983, 1990), Dejours (1986), Racamier (1992), Reid (1996), Bercherie (2000), Cahh (2002), In: Brusset, 2005.

¹⁰⁶ “Relations d’objet et modèle de la pulsion”, 66º Congresso de psicanalistas de língua francesa, realizado em Lisboa, maio de 2006.

principais representantes¹⁰⁷. A nova tópica seria uma tópica do entre, com o objetivo de aproximar a metapsicologia de uma teoria da clínica capaz de dar conta dos casos que se apresentam na contemporaneidade, nos quais as fronteiras do Eu são tão mal-traçadas que obrigam a repensar as idéias de mundo interno e externo de forma diferente da neurose. Nesse sentido, o processo analítico não estaria circunscrito nem do lado do paciente, nem do lado do analista, mas na reunião desses dois discursos no espaço potencial entre os dois, contido pelo *setting*. Dessa forma, o foco passa a ser a produção que se torna possível através do encontro de duas subjetividades, como o conceito de terceiro analítico, desenvolvido por Ogden (1994), esclarece. Para este analista americano, a noção de terceiro analítico implica a idéia de um outro sujeito no campo da análise, que não é nem o analista nem o analisando, mas um funcionamento psíquico introduzido pela situação analítica, uma intersubjetividade entre os dois¹⁰⁸. Na clínica, cada vez mais, descobre-se a importância dos vínculos produzidos pela relação, para além de seu aspecto intersubjetivo. “Nessas últimas orientações, trata-se menos de vínculo intersubjetivo que de elementos inconscientes, isto é, *do interpósiquico construído pela atividade psíquica de um e de outro*” (Brusset, 2005, p.48, grifos meus).

Quando a teoria das relações de objeto começou a se desenvolver, fomos inicialmente inclinados a descrever as ações mútuas (em termos de processos internos) do Eu e do objeto. Não demos muita atenção ao fato de que, na expressão ‘relação de objeto’, era a palavra *relação* a mais importante. Isto é, que nosso interesse deveria ter se dirigido ao que está entre os termos que essas ações unem ou entre os efeitos das diversas ações. Dito de outra forma, *o estudo das relações é mais o dos vínculos que o dos termos unidos por esses vínculos* (Green, 1974, p.101, grifos meus).

É inegável que a psicanálise hoje é composta por um conjunto de modelos com uma pluralidade de tópicos. Segundo André (2006¹⁰⁹), em Melanie Klein e Lacan já existem outras tópicos pelo simples fato de cada um dos autores propor outra concepção do inconsciente, no primeiro caso, a partir da agressividade originária e, no segundo, da idéia do inconsciente estruturado como linguagem. O mesmo não pode ser dito a respeito de Winnicott devido ao aspecto poroso de

¹⁰⁷ Outros autores contemporâneos, como Ogden e Bollas, contribuem de forma criativa e consistente para se pensar o progresso da psicanálise incluindo as problemáticas objetais, mas não se pode dizer que manter a metapsicologia constitui uma preocupação maior para eles, como é o caso dos autores franceses citados.

¹⁰⁸ Cabe lembrar, contudo, que este conceito não implica uma simetria da experiência para analisando e analista. “O terceiro analítico, embora criado conjuntamente pelo (o que está se tornando) analista e analisando, não é experimentado identicamente por ambos, já que cada um permanece um sujeito separado em tensão dialética com o outro” (Ogden, 1994, p.5).

¹⁰⁹ Comunicação oral no 66º Congresso de psicanalistas de língua francesa, realizado em Lisboa, maio de 2006.

sua construção teórica, que não adquire o caráter formal dos outros dois. Mas esta característica, que permite um uso mais livre da teoria, e a não adoção de uma doutrina em bloco, é justamente um dos motivos que fazem com que suas contribuições, assim como as de Bion¹¹⁰, sejam as mais convocadas para se pensarem, hoje, as possibilidades de articulação entre as diversas tópicas.

Embora já se possa dizer que existe, bem delineado, um modelo contemporâneo da prática psicanalítica, a formalização explícita de uma terceira tópica que pudesse fundamentá-lo ainda encontra resistências, evidenciando a dificuldade de se encontrar uma alternativa pertinente ao modelo pulsional clássico a despeito das constantes críticas que lhe são feitas. Uma das dificuldades em relação ao abandono deste modelo está no fato de a posição epistemológica da psicanálise freudiana, sua dita especificidade, fundamentar-se justamente sobre essa idéia, em ruptura com a psicologia da consciência, a fenomenologia, a teoria do desenvolvimento etc. Para muitos analistas, restringir demasiadamente a teoria pulsional, portanto, seria como jogar fora o bebê com a água do banho, ou seja, teme-se que, junto com a pulsão, a perspectiva dinâmica da sexualidade, a possibilidade de se pensar um aspecto indomável no ser humano, e toda a complexidade da vida psíquica, posta em evidência por Freud, sejam também descartadas.

Levando-se em conta as críticas à teoria pulsional bem como o fato de toda a clínica contemporânea indicar o papel do objeto, em seu duplo estatuto de interno e externo, como fundamental para a constituição e funcionamento do aparelho psíquico, a solução indicada por este novo modelo contemporâneo é pensar uma co-construção da pulsão e do objeto. Nesse sentido, deve-se considerar a possibilidade de pulsão e objeto, mãe e bebê, ou ainda analista e analisando, funcionarem como uma dupla, onde o que importa é a dinâmica, o vai e vem que reúne os dois¹¹¹, em uma perspectiva que acolhe tanto os dados da experiência com as organizações não neuróticas, como os das pesquisas atuais da psicologia do desenvolvimento a respeito da importância dos vínculos e das competências primárias do bebê. A partir desta perspectiva, pulsão e intersubjetividade não são paradigmas opostos se à intersubjetividade for adicionada uma concepção psicanalítica do sujeito, ou seja, uma dimensão

¹¹⁰ “Nesses trabalhos, o ‘vertex’ metapsicológico encontra-se definido – totalmente ou parcialmente – pela releitura, pessoal, do pensamento pós-kleiniano, especialmente de Bion, como também do de Winnicott” (Urribarri, 2006, p.658). Cabe lembrar que nesta tese optei por trabalhar unicamente com Winnicott.

¹¹¹ “Eu tentarei manter os dois pólos da balança que vai da pulsão ao objeto e *vice versa*, porque o importante não são as situações extremas, mas o vai-e-vem, o percurso, a oscilação, a dinâmica, em suma, que os reúne” (Green, 2002a, pp.40-41).

inconsciente e sexual.

Eu utilizo o termo 'intersubjetivo' para pensar a questão do encontro de um sujeito, animado de pulsões e de uma vida psíquica inconsciente, com um objeto, que é também um outro sujeito, igualmente animado por uma vida pulsional da qual uma parte é inconsciente. Tal definição me parece essencial por sublinhar o lugar do objeto, e da 'resposta' do objeto aos movimentos pulsionais do sujeito na evolução psíquica destes. Eu me situo assim na perspectiva que Green designa como aquela do 'sistema pulsão/objeto', e em uma corrente de pensamento que, sob diferentes denominações, coloca a questão da apropriação subjetiva no centro do processo psíquico (Roussillon, 2004, p.736).

Segundo Roussillon, a tradição psicanalítica concentrou-se demasiado no aspecto econômico da teoria pulsional, ou seja, no imperativo da descarga de excitação, atrelado à idéia de traumatismo por excesso pulsional. Nessa perspectiva, se o objeto está presente, a pulsão pode se descarregar, se ele está ausente, o sujeito deve desenvolver mecanismos paliativos, como os auto-erotismos, até que a satisfação possa ser obtida. Mas, ao insistir na função do objeto para a construção subjetiva, ao insistir na resposta do objeto aos movimentos libidinais do sujeito, introduz-se uma nova dimensão da vida pulsional que contém implicitamente a idéia de que esta é também portadora de uma 'mensagem' dirigida ao objeto, de uma mensagem à espera de uma resposta.

Não se pode mais pensar a pulsão e sua evolução psíquica sem levar também em conta a maneira pela qual é recebida, acolhida ou rejeitada pelo objeto que ela visa. Não se pode mais pensar a pulsão como simples imperativo de descarga sem também levar em consideração a mensagem subjetiva que ela porta e transmite (Roussillon, 2004, p.738).

A idéia de que a pulsão carrega e transmite uma mensagem é uma discussão importante que já havia sido desenvolvida antes por outro grande autor francês, Jean Laplanche. Laplanche também não considera pulsão e intersubjetividade como paradigmas opostos, mas sua elaboração a respeito do 'valor mensageiro' da pulsão difere, como será visto a seguir, da idéia exposta na citação acima. Tomando como contraponto as contribuições de Ferenczi sobre a sedução e o trauma, Laplanche reformula por completo a teoria pulsional e introduz a idéia de que um objeto-fonte, enxertado no sujeito como resultado do encontro de toda e qualquer criança com as mensagens enigmáticas do mundo adulto, desempenha a função outrora atribuída à fonte pulsional.

4.2 Pulsão e intersubjetividade: a solução de Laplanche

Assim como Ferenczi, Laplanche propõe uma releitura da teoria da sedução freudiana. Ambos os autores são intensamente interessados pelas implicações da sexualidade adulta para a sexualidade infantil, o que, como foi visto, não é uma preocupação primária em Winnicott. Laplanche, no entanto, amplia a proposta ferencziana ao considerar a sedução como o confronto de toda e qualquer criança com o mundo adulto, situando-a na base da estruturação do psiquismo. O que se apresenta, portanto, como patológico em Ferenczi, em Laplanche é estruturante e inevitável, pois o que está em jogo é a própria constituição do inconsciente. Por esse motivo, a expressão ferencziana “confusão de línguas entre os adultos e a criança” lhe parece inadequada, porque a questão não se limita à aquisição de uma ou várias linguagens ou ao confronto de duas linguagens com lógicas diferentes. Para Laplanche¹¹² este tipo de formulação dá impressão de que o universo do adulto se reduz a um mundo objetivo, o qual poderia ser descoberto através da aprendizagem, quando, em realidade, trata-se de um universo repleto de mensagens (lingüísticas ou simplesmente languageiras, ou seja, pré ou paralingüísticas) às quais a criança forçosamente deverá encontrar sentido e resposta.

É, portanto, justamente aqui que é preciso ir mais longe que Ferenczi, mas também por outro caminho que não o do lacanismo. Pois Ferenczi não dá o passo de levar em consideração que o que chama de ‘linguagem da paixão’ (a linguagem do adulto) só é traumatizante na medida em que veicula um sentido dele mesmo ignorado, ou seja, em que manifesta a presença do inconsciente dos pais. Mas, contra Lacan, afirmamos que essa manifestação do inconsciente é irreduzível às simples potencialidades polissêmicas de uma linguagem em geral. O problema continua sendo, a nosso ver, o do inconsciente individual (Laplanche, 1992, p.134).

Além disso, Laplanche também não está de acordo com a classificação ferencziana que aloca a ternura inteiramente do lado da criança e a paixão do lado do adulto. Em primeiro lugar porque, de seu ponto de vista, a ternura pode ser encontrada em ambos e, em segundo lugar, porque mesmo que considere, com Ferenczi, a paixão, ou o sexual, prioritariamente do lado do adulto, para ele “o que é interessante é o sexual inconsciente e não o sexual abertamente agido”

¹¹² Não estou totalmente de acordo com a leitura que Laplanche faz de Ferenczi. Como deixei claro no capítulo um, em Ferenczi a ação sexual violenta é menos importante do que as conseqüências para o sujeito em questão da resposta inadequada, ou da ausência de resposta, do objeto.

(1997, p.59). Ferenczi teria se interessado especialmente pelo aspecto perverso e traumático de uma conduta sexual concreta do adulto, tal como fizera Freud nos primórdios da psicanálise. Mas, segundo Laplanche, a teoria da sedução, parcialmente abandonada em 1897, poderia ter sido mantida e aprofundada se Freud não tivesse confundido a universalidade da situação de sedução com a sedução perversa.

É importante levar em conta a perspectiva de Laplanche no quadro da discussão deste capítulo, pois, com sua proposta de ampliação da noção original de sedução, ele reformula a teoria da pulsão e lhe confere uma dimensão intersubjetiva. Laplanche critica o aspecto endógeno e biológico da pulsão; acima de tudo, ele contesta a idéia de que a sexualidade emerge biologicamente da auto-conservação. Ou seja, afastando-se da teoria do apoio¹¹³, noção que, aliás, ele próprio foi responsável por sublinhar e desenvolver, Laplanche quer mostrar que a sexualidade não pode ser concebida como uma simples diferenciação da auto-conservação, uma emergência natural e espontânea, por assim dizer, do vital. A sexualidade humana deve ser mais do que uma progressiva complexificação ou psiquização das funções vitais. Como diz Laplanche (1992, p.153-154), tem-se aí uma espécie de cebola que não se descasca sozinha; é a sedução que vai descascar, sobre a autoconservação, uma película superficial, uma lâmina, que pode ser chamada sexual. É a sedução que descasca a cebola da autoconservação, e não a autoconservação que, por um movimento endógeno, se clivaria. O que significa dizer que “a clivagem de um plano propriamente sexual no biológico infantil só pode conceber-se a partir da ação do outro” (Laplanche, 1997, p.7).

É porque os gestos autoconservativos do adulto são portadores de mensagens inconscientes para ele e incontroláveis para a criança, que eles produzem, sobre os lugares ditos erógenos, o movimento de clivagem e de deriva que levam eventualmente à atividade auto-erótica. Mas o veículo necessário do auto-erotismo, o que o estimula e o faz existir, é a intrusão e o recalçamento dos significantes enigmáticos trazidos pelo adulto (Laplanche, 1984, p.20).

Através da sedução generalizada, portanto, Laplanche apresenta uma concepção da pulsão sem qualquer conexão biológica, afastando-se da teoria freudiana que, de seu ponto de vista, operava uma espécie de síntese entre o

¹¹³ Nesta teoria, o surgimento da pulsão sexual é explicado por seu apoio sobre a função de auto-conservação, o que significa dizer que as pulsões sexuais nascem em um mesmo lugar, sobre a mesma fonte, numa mesma atividade, que as funções vitais e apenas secundariamente se tornam independentes dessas fontes orgânicas. O mamar é o exemplo por excelência a partir do qual nasceria a sexualidade oral infantil e que depois se autonomizaria, separando-se do campo da autoconservação, ou seja, da atividade alimentar.

fiscalismo e o biologismo. Em Freud, como se sabe, o biológico aparece em vários níveis, como origem, como modelo, e como esperança, no sentido das perspectivas futuras de tratamento. Ao denunciar o que chama de “o desvio biologizante de Freud”, Laplanche não contesta o biológico no ser humano, o que evidentemente seria absurdo, mas sim a idéia de que o vital é o que há de mais profundo no psiquismo. O autor mostra como essa idéia está presente em Freud, através da famosa imagem do inconsciente à semelhança do parque de Yellowstone, como uma reserva natural cercada e mantida em estado original, virgem. Mesmo na segunda tópica pode-se encontrar uma questão análoga em relação ao Id, ou seja, trata-se de um primordial originário ou “torna-se o id, pelo próprio processo de constituição do aparelho psíquico e, em particular, pelos recalcamientos, esse estrangeiro que passa a ser em nós?” (Laplanche, 1992, p.32). Para Laplanche, é importante frisar que o desconhecido que existe no mais profundo do ser humano e que “nos age” (o inconsciente, a pulsão) não estava lá necessariamente no início. Ele propõe uma teoria na qual, na origem da pulsão, encontram-se a sedução e o recalcamientos originários, processos a partir dos quais a sexualidade psíquica é implantada na estrutura psicológica da criança.

Enquanto que a teoria clássica da pulsão propõe uma antecedência, uma precessão e apenas uma – a dos estímulos endógenos somáticos – pensamos que é indispensável conceber uma dupla precessão: por um lado o pré-requisito de um organismo voltado à homeostase e à autoconservação; por outro lado, a de um mundo cultural adulto, no qual a criança é mergulhada completa e imediatamente (Laplanche, 1988, p.78).

Laplanche insiste em um ponto pouco trabalhado por Winnicott, e também por Freud¹¹⁴, o fato de que na relação mãe/bebê é preciso levar em conta o inconsciente da mãe, lembrando que ela é também um ser pulsional e em um grau ainda mais forte, já que sua vida pulsional atingiu a maturidade. Nesse sentido, o psiquismo dos pais será sempre obrigatoriamente mais rico do que o da criança, mas esta riqueza do adulto é também sua clivagem em relação ao seu próprio inconsciente¹¹⁵. Devido à assimetria fundamental entre o psiquismo

¹¹⁴ Mesmo na famosa nota de 1911, Freud menciona os cuidados maternos e não a mãe.

¹¹⁵ Embora Winnicott não tenha explorado plenamente a influência da riqueza do universo materno para o bebê, nunca é demais ressaltar que o autor não considera a relação mãe/bebê como simétrica, ou simbiótica. O importante é que haja um outro próximo o suficiente para poder se identificar empaticamente ao bebê e lhe oferecer ajuda no desamparo, mas Winnicott introduz a idéia de uma capacidade de identificação extremamente variável, porque dependente da experiência de cada um.

infantil e o adulto, este inevitavelmente propõe à criança significantes¹¹⁶ verbais e não verbais, inclusive comportamentais, impregnados de significações sexuais inconscientes que transbordam a capacidade de compreensão e de controle da criança. Laplanche denominou estes significantes de enigmáticos, pois a comunicação da sexualidade do adulto à criança veicula, de forma concomitante, intenções conscientes (“devo te bater por razões educativas”) e desejos que são inconscientes para o próprio adulto (“quero te torturar sadicamente”). As mensagens enigmáticas são, portanto, desconhecidas pelo emissor e indecifráveis pelo receptor e seu aspecto traumático deve ser entendido não só através da incompreensão da criança, mas também pela incapacidade de os adultos explicarem o enigma para si mesmos.

Estes significantes não são enigmáticos somente pelo simples fato de que a criança não possui o código e que teria que adquiri-lo. (...) Trata-se do fato de que o mundo adulto é inteiramente infiltrado de significados inconscientes e sexuais, dos quais o *próprio adulto* não conhece o código. E por outro lado se trata do fato de que a criança não possui as respostas fisiológicas ou emocionais correspondentes às mensagens sexualizadas que lhe são propostas; em resumo, que seus meios de constituir um código substitutivo ou provisório são fundamentalmente inadequados (Laplanche, 1988, pp.78-79).

Sedução, portanto, significa que no plano sexual, há uma assimetria radical entre os dois protagonistas: o adulto confronta a criança com sua própria sexualidade inconsciente, face à qual ela ocupa uma posição passiva fundamental. A gênese da pulsão está ligada a essa cena de sedução, pode-se dizer que ela emerge como resultado de um processo de recalçamento no qual as mensagens do adulto serão parcialmente traduzidas e se tornarão em parte inconscientes pelo inexorável fracasso da tradução. É por esta via que Laplanche compreende as teorias sexuais infantis, ou seja, como uma necessidade de trabalho interno de toda criança face às mensagens enigmáticas do mundo adulto, e não como fantasias primárias inatas. Parte deste trabalho é integrada ao ego e contribui para a sua construção, mas uma parte permanece inevitavelmente intraduzível e se torna fonte constante de estimulação, exigindo um trabalho adicional e contínuo de tradução. Esta fonte de estimulação interna e constante, que tem sua origem nos restos intraduzíveis das mensagens dos adultos, é o efeito pulsão, indissociável do inconsciente.

Ao longo do desenvolvimento, cada nova situação dotada com seus próprios enigmas ressoa com os resíduos intraduzíveis deixados para trás por tentativas

¹¹⁶ O importante aqui é o poder significante, o fato de que um significante, verbal ou não verbal, pode significar *para* sem se saber *o quê* ele significa.

anteriores de dar sentido às mensagens adultas. Esses resíduos são incrustados no inconsciente da criança – são seu verdadeiro núcleo – e constituem os objetos-fonte das pulsões (Scarfone, 2005, p.36).

Neste sentido, pode-se dizer que a primeira tradução equivale ao recalque originário. As mensagens enigmáticas clivam do psiquismo um inconsciente primordial, um Id, que constitui os primeiros objetos-fonte, como uma segunda natureza que ‘nos age’. A exigência de trabalho é exercida pelo Id, verdadeiro “conjunto de corpos estranhos internos” sobre o organismo do Ego. A tentativa de simbolizar os significantes enigmáticos, tornados atacantes internos, origina, como já foi dito, as teorias sexuais infantis. Essa simbolização é sempre parcialmente fracassada, levando ao recalque de um resto impossível de ser traduzido.

A pulsão não é, pois, nem um ser mítico, nem uma força biológica, nem um conceito-limite. Ela é o impacto sobre o indivíduo e sobre o Ego da estimulação constante, exercida do interior, pelas representações-coisa recalçadas, que podemos designar como objetos-fontes da pulsão. Quanto à relação da pulsão com o corpo e as zonas erógenas, longe de ser concebida a partir do corpo, ela é ação dos objetos-fontes recalçados sobre o corpo; isto através do Ego que é antes Ego-corpo, e no qual, bem naturalmente, as zonas erógenas se tornam os lugares de precipitação e de organização de fantasias (Laplanche, 1988, p.80).

Laplanche marca uma passividade na recepção dos significantes enigmáticos e uma atividade no trabalho de tradução. A passividade do sujeito em relação à pulsão não implica obrigatoriamente uma concepção biológica. Laplanche não ignora o fato de o bebê ser um indivíduo biopsíquico, que está aberto ao mundo, apresentando comportamentos comunicativos e competências específicas. Para o autor, a questão sobre o momento em que o bebê se abre ao mundo é um falso problema, sendo mais interessante pensar quando se fecha um primeiro si mesmo, “ou um ego, qualquer que seja, aliás, a periferia, a circunferência desse ego” (1992, p.100). É importante também não centrar toda especificidade do humano em seu desamparo, afinal, “[o] ser humano não é o único a ter necessidade da ajuda adulta para subsistir; não se deve ver nisto o alfa e ômega de toda a explicação da hominização” (1992, p.103). Além disso, devem ser diferenciados dois tipos de prematuração, uma no domínio adaptativo, ligada à sobrevivência, no qual a comunicação se dá no sentido criança-pais, e outra no domínio sexual, no confronto com a sexualidade adulta, no qual a comunicação se dá no sentido inverso, pais-criança.

Para Laplanche, em relação à segunda teoria pulsional, o fato de Freud ter recusado todas as propostas de seus discípulos que iam no sentido de uma

assimilação ou substituição da idéia de pulsão de morte por uma pulsão de agressão, sugere que a pulsão de morte não era uma novidade, mas uma reafirmação do aspecto menos domado da sexualidade, funcionando segundo o princípio da energia livre e do processo primário. A pulsão de morte e a pulsão de vida seriam em realidade dois aspectos da pulsão sexual, isto é, os dois princípios da vida fantasística do homem são o princípio de ligação, que regula as pulsões sexuais de vida, e o princípio de desligamento, que rege as pulsões sexuais de morte¹¹⁷. Todavia, como insiste Laplanche, não se pode tomar necessariamente partido a favor da ligação, nem afirmar que ela estaria sempre do lado da vida psíquica, pois o excesso da ligação é também o extremo da imobilização. Em Laplanche, portanto, o dualismo pulsional é conciliado por um monismo energético. O mesmo objeto-fonte é simultaneamente fonte de ambos os aspectos, mortíferos e sintetizantes, da pulsão, de acordo com o caráter parcial ou total que assume. A pulsão de morte é o ataque interno desses objetos-fontes, ao mesmo tempo estimulantes e perigosos para o Ego. Mas a constituição de tais atacantes internos é resultado de um processo de introjeção primário que teve sua origem na situação de sedução.

Através da seqüência formada - implantação das mensagens enigmáticas, trabalho de tradução incompleto e diferenciação das agências psíquicas -, tem-se uma síntese subjetiva que pode dar impressão de um universo no qual o ego ocupa o lugar central. Contudo, em Laplanche, o centro gravitacional do sistema não está dentro da criança, e sim no adulto externo, através de suas mensagens. Entre um modelo centrado no ego (ptolemaico), e outro centrado fora do ego (copernicano), Laplanche escolhe o segundo, pois para ele a psicanálise nunca pode perder de vista a primazia do Inconsciente na existência humana. Há sempre uma alteridade incontrolável, funcionando como um estranho interno e perturbando a tentativa de eleger o ego como fonte fundamental dos eventos psíquicos (Scarfone, 2005b).

A necessidade do conceito de pulsão em psicanálise foi e continua a ser contestada. Estes ataques, desde Politzer, provêm de duas inspirações que na verdade freqüentemente se combinam:

- uma inspiração *epistemológica*: (na linha que reúne o empirismo humano à filosofia 'analítica' moderna) que refuta como metafísica, 'mecanicista', etc. toda invocação a forças abstratas postuladas por trás dos fenômenos (cf. Daniel Widlöcher);
- uma inspiração *personalista*, que pretende restituir aos fenômenos psicológicos

¹¹⁷ "Esses dois princípios correspondem, apenas de modo grosseiro, à diferença tópica entre o EU e o Isso. No Eu, existe algo de muito ligado, mas também algo de menos ligado; da mesma maneira, nas camadas mais profundas do Isso encontra-se mais algo de desligado, mas, ao aproximar-se da superfície, moções estão mais ligadas" (Laplanche, 2002, p.205).

sua formulação na ‘primeira pessoa’ (desde a ‘psicologia concreta’ de Politzer até a ‘*action language*’ de Roy Schafer).

Esta dupla crítica nos parece contradizer a experiência psicanalítica que mostra precisamente que é bem no que concerne à ação do Id-inconsciente que formulações em termos de ‘forças que nos empurram’ ou de ‘terceira pessoa’ são as mais apropriadas (Laplanche, 1988, p.99).

É certo que Laplanche propõe uma teoria da pulsão que traz uma dimensão intersubjetiva, mas, antes de tudo, é como objeto de um outro que o sujeito se constitui. Mais do que uma idéia de interatividade, o que está em questão é a criança enquanto objeto das mensagens fantasmáticas dos objetos primários e como objeto de satisfação dos desejos parentais. Há aí uma grande diferença em relação a Winnicott, que, se pode dizer, preferia descrições na primeira pessoa. Contudo, um autor como Scarfone (2005b) defende uma proximidade entre os dois ao afirmar que para Winnicott também não há centramento no ego desde o início, visto que na experiência da relação de objeto (opondo-se aqui ao uso do objeto) ainda não existe diferenciação sujeito/objeto ou experiência/objeto. Mesmo que um observador externo faça esta diferenciação, se o objeto ainda não foi encontrado, então o sujeito não está presente como uma agência distinta para saber que está se relacionando. Até haver esta separação, não há espaço mental (portanto, tampouco podem estar presentes mecanismos como introjeção e projeção). Assim, Winnicott também apresentaria um modelo copernicano, na medida em que a experiência emocional toma lugar antes de haver um Eu.

Até isso ser atingido, um vocabulário orientado pelo tempo parece preferível para a relação de objeto, já que não pergunta onde a experiência está acontecendo – questão que não pode ser perguntada sem o sentimento de separação – apenas considera que está *going on*, ou se cessou (Scarfone, 2005b, p.41).

Mesmo acreditando ser possível encontrar aproximações entre o pensamento de Laplanche e o de Winnicott, como a importância de se descobrir a objetividade do objeto para se adquirir um sentido de subjetividade, é preciso perceber que há uma diferença fundamental; enquanto Winnicott concebe o advir do sentimento de realidade de si e do psíquico no vital, Laplanche fala do advir do sexual biopsíquico no ser humano biopsíquico. Assim, mesmo que os dois autores tenham o mérito de despojar a pulsão de seu estatuto mitológico e concebê-la como produto da intersubjetividade, para Laplanche, “o sujeito se constitui a partir do trauma da sexualidade do Outro, e é busca de resposta ao enigma que para ele ali se forma” (Souza, 2007, p.317), enquanto que para Winnicott “a primeira qualidade da experiência psíquica não se confunde com os

processos defensivos desencadeados pela emergência abrupta do outro. O que emerge lenta e progressivamente é um processo experiencial que se autodiferencia e se complexifica no espiralar-se do redobramento do sentimento de onipotência criativa do *self* verdadeiro ainda não integrado por sobre a experiência inicial de continuidade do ser” (Souza, 2007, p.332). Além disso, em Laplanche, temos que entender a atividade de tradução como reativa, isto é, como uma defesa. Segundo Souza (2007), esta é um ponto de corte importante que diferencia “os que acreditam que o trauma é constitutivo do psiquismo e que a criatividade subjetiva se encontra na escolha da defesa contra o trauma (Lacan e Laplanche, principalmente, mas também Klein e Bion), e os que acreditam em uma criatividade primária não-traumática e não-defensiva (Winnicott)” (p.325). Neste sentido, como afirma Green (1997), Laplanche, como Lacan, constrói uma teoria dos vínculos humanos que marca claramente uma ruptura com o resto dos seres vivos. A teoria da sedução generalizada traduz uma visão semântica e psicológica do psiquismo inconsciente, desenraizado de suas origens propriamente corporais.

Em Winnicott, à primeira vista, a pulsão pode ser pensada como uma tendência biológica no sentido do desenvolvimento, mas, em realidade, trata-se de uma dimensão que só ganha importância em um momento posterior, a partir da apropriação do sujeito, o que, por sua vez, depende das respostas do ambiente. Há, portanto, um aspecto exógeno importante, mas também uma tônica muito forte na atividade primária da criança e na sua possibilidade de responder ao adulto. Além disso, nem tudo é defesa em Winnicott. Em Winnicott, sobretudo no que concerne ao início da vida, não há necessariamente trauma, enquanto, em Laplanche, o encontro com o mundo sexual adulto é, desde sempre, traumático.

Traumatismo e sedução são para mim complementares, mesmo sinônimos. O primeiro termo ‘objetiva’, em um aparelho psíquico, o que o segundo ‘inter-subjetiva’. Mas um e outro devem ser desdramatizados, ou, pelo menos, concebidos além da anedota, ou mesmo do manifesto. São situações de base, sobre as quais se enxertam eventos mais pontuais (Laplanche, 1984, p.28).

Além disso, em Laplanche, a sexualidade está na base de tudo, ela é sinônimo de pulsão. Já em Winnicott, a sexualidade é posterior e constitui apenas mais um elemento da vida. Laplanche apresenta uma solução bastante interessante para se pensar conjuntamente intersubjetividade e pulsão. A origem exógena significa que a pulsão se forma na dependência do outro e que essa origem se inscreve no sujeito. Como já foi dito, pulsão e intersubjetividade não

são necessariamente paradigmas opostos¹¹⁸.

A renovação da teoria da pulsão proposta por Laplanche, contudo, concerne mais especificamente ao campo das neuroses, dos sujeitos que, como dizia Winnicott, vão mais ou menos bem. Para Laplanche, o próprio da psicanálise é se propor por objeto o sujeito humano enquanto autoteorizante e autosimbolizante. Não obstante, não se pode esquecer que todos os avanços da psicanálise no estudo e tratamento de estruturas não neuróticas questionam esse princípio, indicando que o aspecto autosimbolizante não é de todo garantido e necessita de condições específicas para se desenvolver.

4.3

Trauma, clivagem e simbolização: elementos para um novo modelo

Para os teóricos da relação objetal, “a relação mãe-bebê, na qual a comunicação se dá praticamente de forma não-verbal, tornou-se o paradigma do processo analítico” (Phillips, 1988, p.138). Nesse novo modelo de *setting*, planejado para o paciente psicótico, o interesse do analista é menos dirigido à decifração e elucidação dos mecanismos inconscientes, deslocando-se, cada vez mais, para as trocas entre analisando e analista e para as condições de possibilidade da simbolização de uma experiência subjetiva que não pôde ser vivida. Nessa concepção, o *setting* não representa simbolicamente o cuidado materno, ele é o cuidado materno. Em outras palavras, como afirma Widlöcher (2000, p.12), nem metáfora, ou mesmo modelo, é a própria relação de objeto que se repete. O desenvolvimento da teoria das relações de objeto marcou, portanto, o surgimento de um novo tipo de analista, mais preocupado com a função dos objetos externos reais na vida do sujeito e, conseqüentemente, com o próprio papel de sua subjetividade na clínica. Green chama esse analista que entra em cena, sobretudo a partir de Ferenczi, de analista-terapeuta.

Como foi visto, Ferenczi levou ao extremo sua convicção na natureza dialética do encontro analítico, chegando até mesmo à idéia de uma análise mútua. Intimamente ligada a sua concepção de trauma, a análise mútua, sua derradeira inovação técnica, pretendia alcançar pontos cegos da análise,

¹¹⁸ “[S]e a pulsão encontra sua origem precisamente em mensagens (mas não apenas em mensagens verbais, por certo), deve-se dizer que, de início, não há oposição de natureza entre o pulsional e o intersubjetivo, entre o pulsional e o cultural” (Laplanche, 1992, p.145).

produzidos por partes clivadas, inacessíveis, tanto do paciente como do analista. Neste sentido, para Ferenczi, essa técnica poderia inclusive servir como complemento da análise pessoal do analista, cuja importância ele foi um dos primeiros a acentuar.

E acaba-se finalmente por indagar: não será natural, e também oportuno, ser francamente um ser humano dotado de emoções, ora capaz de empatia, ora abertamente irritado? O que quer dizer: abandonar toda a 'técnica' e mostrar-se sem disfarces, tal como se exige do paciente. Quando se começa a agir desse modo, o paciente chegará, com toda a lógica, a exprimir sua suspeita quanto à análise imperfeita do analista e, despertando de sua timidez, ousará pouco a pouco lhe apontar tal traço paranóide ou outro levado ao exagero; finalmente, chegará à proposta de análise mútua (Ferenczi, 1932, p.132).

Sabe-se que a técnica acabou falhando, mas é possível encontrar seus ecos hoje na corrente interpersonalista americana¹¹⁹. De todo modo, com esse tipo de avanço proposto por Ferenczi, a psicanálise pós Freud se abriu para a possibilidade de uma técnica empática, na qual as reações emocionais dos analistas tornaram-se mais importantes do que as técnicas interpretativas tradicionais. Na medida em que o papel da relação ganha o primeiro plano, a análise dos conflitos intrapsíquicos ou das resistências provocadas pela interpretação se tornam insuficientes, isto é, não basta apenas explicar e compreender, é necessário também criar um 'clima de compreensão'.

Sem renunciar à interpretação, passaram [os herdeiros de Ferenczi] a privilegiar a relação afetiva que, conforme os esquemas teóricos, foi chamada de 'fusal', 'holding', ou 'empática', englobando este último termo (...) uma multiplicidade ambígua de significações e chegando até a constituir, segundo certos psicanalistas a condição *sine qua non* de qualquer análise (Chertok & Stengers, 1990, p.160).

Esse novo modelo de *setting* implicará, portanto, uma mudança radical da perspectiva clínica e um distanciamento das recomendações de Freud. Inicialmente Freud procurou combater a transferência como um novo sintoma derivado da doença, observando que ela deveria ser desmascarada como todos os outros fenômenos psíquicos. Pouco a pouco, contudo, à medida que a transferência se revelava como o instrumento clínico por excelência, o aprofundamento da relação paciente-analista abriu novas perspectivas. Haynal (1987), por exemplo, acredita que no texto *Recordar, Repetir e Elaborar*, de 1914, com o uso de termos como "Tummelplatz" [arena, playground], e 'Zwischenreich' [zona ou área intermediária], Freud chega a tonalidades que

¹¹⁹ Na corrente interpersonalista da psicanálise americana, centrada sobre a atualidade da transferência, sem referência à repetição do passado ou às fantasias sexuais infantis, as questões em torno da importância da subjetividade do analista e da análise enquanto uma co-construção narrativa ganham primeiro plano e a metapsicologia é abandonada. Cf. Durieux e Fine, 2000.

serão mais tarde as de Ferenczi, Balint e Winnicott” (p.27).

[O] instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência. Tornamos a compulsão inócua, e na verdade útil, concedendo-lhe o direito de afirmar-se num campo definido. Admitimo-la à transferência como a um *playground* no qual se espera que nos apresente tudo no tocante a instintos patogênicos, que se acha oculto na mente do paciente. Contanto que o paciente apresente complacência bastante para respeitar as condições necessárias da análise, alcançamos normalmente sucesso em fornecer a todos os sintomas da moléstia um novo significado transferencial e em substituir sua neurose comum por uma ‘neurose de transferência’, da qual pode ser curado pelo trabalho terapêutico. A transferência cria, assim, uma *região intermediária* entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção. Trata-se de um *fragmento de experiência real*, mas um fragmento que foi tornado possível por condições especialmente favoráveis, e que é de natureza provisória. A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças, que aparecem sem dificuldade, por assim dizer, após a resistência ter sido superada (Freud, 1914, pp.169-70, grifos meus).

Segundo Haynal, portanto, em 1914, no trecho acima destacado, Freud ter-se-ia aproximado de uma compreensão do papel da transferência como experiência do vivido, concepção que será atribuída posteriormente a Ferenczi e a Winnicott. Contudo, mesmo que Freud tenha revisado suas próprias posições a respeito da transferência, e que esses teóricos possam daí ter desdobrado suas conclusões, o cerne de sua orientação técnica a respeito da função do analista permaneceu basicamente o mesmo; ele o considerava como um instrumento da análise, enquanto Ferenczi o concebia como partícipe da análise. Em Freud, a transferência, enquanto ferramenta clínica, nunca subentende o envolvimento emocional e afetivo do analista, enquanto, em Ferenczi, ao contrário, o analista implica-se emocionalmente na análise, acreditando poder restituir ao paciente o ‘tato’ que lhe faltara no meio, ao longo do desenvolvimento, e reparar o trauma infantil precoce. Dizia ele (1931) que é uma vantagem para o trabalho analítico, quando se consegue ir ao encontro do paciente, graças a uma paciência, compreensão, benevolência e amabilidade quase ilimitadas.

Ferenczi lutava menos contra idéias do que contra analisandos siderados em seu sofrimento. A maneira como ele compreendeu a compulsão à repetição o conduziu a interpretar a transferência como ‘pura’ repetição, a saber, como reprodução de traumas da infância, traumas bem diferentes daqueles que Freud havia descoberto, pois para ele não se tratava de sedução, mas de violação (psíquica); ou pela confusão de línguas, de subordinação por excesso de demandas parentais, ou ainda de privação de amor, por desconhecimento das necessidades da criança, ou enfim de paralisia psíquica por sideração devida ao desespero. Em suma, *o que está em jogo aqui não é mais o destino da libido, mas simplesmente*

a asfixia da vida psíquica (Green, 1990a, p.33, grifos meus).

Seguindo essa mesma linha, Winnicott dirá que, o bom desfecho da análise não depende da compreensão do paciente do significado de suas defesas, mas “de sua capacidade, através da análise e na transferência, de *reexperienciar esta ansiedade intolerável* em função da qual as defesas foram organizadas” (1961, p.60). Conseqüentemente, a interpretação não se limita a ser apenas um meio para a tradução do inconsciente. Em Winnicott, ela vai assumir também um papel metafórico de sustentação, através da provisão de um ambiente facilitador, no qual as experiências iniciais podem ser regressivamente vividas. Nesse sentido, o *holding* winnicottiano pode ser considerado uma via empática da interpretação, cuja ênfase passa a ser a qualidade da experiência analítica. No artigo de 1954, *Retraimento e Regressão*, Winnicott deixa claro como, através de uma interpretação apropriada, o analista oferece uma sustentação para o paciente ao mostrar compreendê-lo profundamente.

No decorrer da sessão consegui perceber qual a interpretação adequada, e disse: ‘O fato de a dor estar situada *do lado de fora* da cabeça representa a sua *necessidade de que alguém segure a sua cabeça* como naturalmente aconteceria se você fosse uma criança que estivesse muito angustiada’. (...) Vinculei esta interpretação com aquela a respeito do meio ambiente, e ele aos poucos foi percebendo que a minha idéia sobre as mãos segurando a cabeça era correta. Contou que teve um retraimento momentâneo, no qual sentiu que eu tinha uma máquina capaz de agir como se proporcionasse um acolhimento afetuoso. Isto significou para ele que era importante que eu não segurasse realmente a sua cabeça, pois isto seria o mesmo que aplicar mecanicamente princípios técnicos. *O importante era que eu compreendesse imediatamente do que ele necessitava* (Winnicott, 1954a, p.353).

A abordagem winnicottiana da problemática do objeto, portanto, aprofundou essa perspectiva ao levar em consideração os efeitos para o fundamento do psiquismo de se ter uma mãe (ou um pai) não disponível devido a um surto psicótico ou a um episódio depressivo, por exemplo. Winnicott tentou chamar atenção para a importância do humor da mãe, para a possibilidade deste ser impingido à realidade psíquica da criança, conturbando o desenvolvimento de uma personalidade mais autêntica e verdadeira. Como afirma Roussillon (1999), o tipo de sofrimento implicado nesses casos é melhor caracterizado por uma falta *a ser* (no sentido de um processo que não chegou a acontecer) do que por uma falta *no ser*.

Esse tipo de reflexão, uma das intuições mais originais e importantes para a clínica, levou os analistas a se perguntarem até que ponto o que acontece na análise decorre da repetição do antigo e em que medida concerne ao que jamais

foi vivido (Green, 2002, p.74). Winnicott trabalhou esta questão em 1963, em um artigo sobre o medo do colapso, no qual descreve a descoberta de uma experiência da ordem do impensável, referente ao colapso do estabelecimento do *self* unitário, presente nas organizações psicóticas. Para Winnicott, a enfermidade não é em si um colapso, mas uma organização defensiva contra a agonia impensável de um colapso que teria ocorrido antes da organização de defesas. “O medo clínico do colapso é *o medo de um colapso que já foi experienciado*” (Winnicott, 1963e, p.72), mas como o ego era imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro de sua área de onipotência pessoal, essa vivência não pôde ser realmente experienciada e, por isso, continua a atormentar o sujeito.

O paciente precisa ‘lembrar’ isto, mas não é possível lembrar algo que ainda não aconteceu, e esta coisa do passado não aconteceu ainda, porque o paciente não estava lá para que ela lhe acontecesse. A única maneira de ‘lembrar’, neste caso, é o paciente experienciar esta coisa passada pela primeira vez no presente, ou seja, na transferência. Esta coisa passada e futura torna-se então uma questão do aqui e agora, e é experienciada pelo paciente pela primeira vez. É este o equivalente do lembrar, e tal desfecho constitui o equivalente do levantamento da repressão que ocorre na análise do paciente psicanalítico (análise freudiana clássica) (Winnicott, 1963e, p.74).

O que aconteceu de fato no passado foi a morte enquanto fenômeno, ou seja, uma morte psíquica, mas como incidiu sobre um ego ainda débil, ela foi vivida como aniquilamento¹²⁰. Apesar de não aceitar uma pulsão de morte, Winnicott, tal como Ferenczi, estava lidando com casos nos quais existia um verdadeiro fator operando no sentido contrário à vida psíquica, asfixiando-a. Mas, como foi visto, este fator não tem uma origem filogenética e sim ontogenética, ele deriva da depressão, ou loucura do ambiente. A compulsão à repetição significada a partir dessa ótica não é primariamente um impulso autodestrutivo, mas a busca de tornar real algo que ocorreu e não pôde ser experimentado. É como se o Eu lutasse para trazer a experiência para sua área de controle onipotente não só para controlá-la, mas, antes de tudo, para que ela possa ser simbolizada. Segundo Winnicott, a dificuldade é que o paciente tem horror do vazio e, como defesa, organizará um vazio controlado, paralisando algumas funções (como a alimentação ou a aprendizagem, por exemplo), ou então, impiedosamente buscando preencher o vazio por uma voracidade compulsiva e desenfreada, à semelhança de um comportamento aditivo. Ou

¹²⁰ “A morte, encarada desta maneira, como algo que aconteceu ao paciente que não era suficientemente maduro para experienciar, tem o significado de aniquilamento” (Winnicott, 1963e, p.75).

seja, o sujeito pode se constituir como um objeto morto, tal qual a mãe, ou, ao contrário, como artificialmente vivaz, na busca de animar, no sentido de dar vida, a mãe depressiva. A questão é que o vazio da resposta do objeto pode ser incorporado, deixando no Eu o traço de seu silêncio e da maneira como este quebrou o ímpeto pulsional anterior.

Estamos em uma bifurcação: de um lado, vemos a proposição freudiana da *pulsão de morte*, um demoníaco oriundo do fundo da alma, traumatizante e desorganizador; do outro, vemos a ênfase na *falha ambiental precoce*, também traumatizante e desorganizadora, conforme propôs Winnicott. A noção de *traumatismo*, utilizada por Freud, no encadeamento de seu pensamento em Além do princípio de prazer, como elemento intermediário de passagem do conceito de compulsão à repetição à proposição da pulsão de morte, é também um ingrediente fundamental no pensamento de Winnicott, e neste sentido pode ser tomado como a 'última estação' na qual os dois pensamentos se encontram antes da 'bifurcação'. A partir daqui, podemos reconhecer o fator anti-vida de um lado no conceito de pulsão de morte, e de outro na descoberta de uma mãe deprimida, na verdade uma mãe, ela sim, psiquicamente morta (Gurfinkel, 2001, pp. 266-7).

Segundo Winnicott, para compreender o medo do colapso é preciso pensar "não em traumas, mas em nada acontecendo quando algo poderia proveitosamente ter acontecido" (Winnicott, 1963, p.75). No cerne desta questão está, mais uma vez, uma mudança na concepção de trauma. Opera-se uma transição do traumatismo por excesso ao traumatismo em oco, ou seja, o trauma aí seria menos da ordem de um 'a mais' que de um 'a menos', conotando o que não teve lugar pela indiferença do objeto, afetando a organização dos processos de simbolização primária.

O trauma que pode vir a atingir a criatividade do *self* verdadeiro não é trauma por causa do não atendimento das demandas libidinais que o sujeito endereça ao outro (...). É trauma por causa do não atendimento das necessidades psicossomáticas que são pré-condições para o próprio endereçamento das demandas libidinais. É falta de algo que não deveria faltar. (...) Um trauma deste tipo traumatiza, portanto, não pela percepção de sua ameaça por parte do aparelho psíquico, nem por seus efeitos *a posteriori*, mas por seu efeito imediatamente destrutivo do desenvolvimento emocional da criatividade. Traumatiza na medida em que ataca a criatividade antes mesmo que qualquer processo defensivo entre em linha de consideração (Souza, 2007, p.337).

Nesses casos, como afirma Gurfinkel (2001), não se trata da memória de um buraco, mas de um buraco de memória. O universo transferencial, como sugere Roussillon (1999b), é então dominado pelas problemáticas da negatividade¹²¹. Nesse sentido, é interessante considerar como Winnicott, em uma sintonia muito próxima da de Ferenczi e Balint, concebe o trauma como

¹²¹ Uma das primeiras pré-figurações psíquicas da morte é a perda da diferença e as formas de violência silenciosa da negatividade e do desligamento. Cf. Green, 1993, "Le travail du négatif".

uma experiência subjetiva em três tempos ($X + Y + Z$), na qual o caráter traumático pode vir ou não a se concretizar a partir da resposta, ou ausência de resposta, do ambiente.

O sentimento de que a mãe existe dura x minutos. Se a mãe ficar distante mais do que x minutos, então a imagem se esmaece e, juntamente com ela, cessa a capacidade do bebê utilizar o símbolo da união. O bebê fica aflito, mas essa aflição é logo corrigida, pois a mãe retorna em $x + y$ minutos. Em $x + y$ minutos, o bebê não se alterou. Em $x + y + z$ minutos, o retorno da mãe não corrige o estado alterado do bebê. O trauma implica que o bebê experimentou uma ruptura na continuidade da vida, de modo que defesas primitivas agora se organizaram contra a repetição da 'ansiedade impensável' ou contra o retorno do agudo estado confusional próprio da desintegração da estrutura nascente do ego (Winnicott, 1971, p.135-6).

Segundo Roussillon (1999b), que destrinchou esses três tempos, se um tempo X é ultrapassado, o excesso de excitação ameaça o aparelho psíquico de transbordamento, seja pela imaturidade de seus recursos, seja pela intensidade das quantidades em jogo. O psiquismo tenta ligar ou descarregar o afluxo de energia e fracassa. No tempo seguinte, o tempo $X + Y$, o esgotamento das soluções internas colocam o sujeito em um estado de desamparo. Duas soluções são, então, possíveis: se o desamparo é acompanhado de traços de memória de experiências de satisfação em relação ao objeto, ele se torna estado de falta e de esperança em relação à representação de um objeto de socorro. Se o objeto sobrevive ao desamparo e à falta, isto é, se ele traz a satisfação a tempo e apazigua a tensão, essa resposta será a base de uma relação na qual o objeto será amado em sua presença e odiado em sua ausência o que, portanto, constituirá um conflito ambivalente. Segundo Roussillon, forma-se, assim, um 'contrato narcísico' que servirá de base para o processo de socialização "fundado no reconhecimento da falta do outro, depois da falta do outro no outro, ele é *generativo* da relação de objeto e de sua organização triangulada" (p.18). Mas caso o objeto não se apresente, ou se sua resposta for muito insatisfatória, ou ainda se o preço a pagar pela ajuda do objeto exceder as capacidades do sujeito, o estado de falta degenera sob o efeito da raiva impotente que ele mobiliza e o desamparo se instala. No tempo $X + Y + Z$ o estado de desamparo e falta dura um tempo Z para além do suportável e ocorre um estado traumático primário que pode ganhar tonalidades de uma agonia impensável. Tais estados de desamparo são experiências "de tensão e de desprazer sem representação (o que não quer dizer sem percepção e sem sensação), sem saída, isto é, sem recursos internos (estes foram esgotados) nem recursos externos (estes estão enfraquecidos), estados além da falta e da esperança" (Roussillon, 1999b, p.19).

Traumas dessa ordem ameaçam a organização psíquica e forçam a clivagem. Para sobreviver, o sujeito se retira da experiência traumática primária e cinde sua subjetividade, assegurando uma sobrevivência paradoxal, ele se descentra de si mesmo e se distancia da experiência subjetiva.

A reação ao trauma precoce ambiental configura, portanto, em Winnicott, a estruturação de uma clivagem da personalidade. Se o ambiente é demasiadamente decepcionante e intrusivo, o bebê é forçado a tomar conta de si mesmo; o que provoca um prematuro desenvolvimento egóico e acarreta um falso *self*, ou um *self* cuidador¹²². Como uma tentativa precária de simbolização, a parte clivada pode se tornar, tal como afirma Ferenczi¹²³, adulta e auto-maternante, e o intelecto pode se organizar como uma defesa. A noção winnicottiana de falso *self* se insere nessa mesma lógica, como uma tentativa de proteger uma parte de si da agonia impensável e da morte. Qualquer que seja a solução encontrada, nesses casos o que está em questão é sempre um empobrecimento do eu.

Nunca é demais lembrar que não se trata da mesma clivagem evocada por Freud em 1937, a cisão de um eu dividido entre duas cadeias representativas incompatíveis entre si. Nesse sentido, a clivagem aqui em questão cinde o psiquismo entre uma parte representada e outra não representável, é uma clivagem *no* eu e *não do* eu. “Contudo, trata-se de uma clivagem da subjetividade, e a parte não representada é, no entanto, ‘psíquica’ e ‘subjetiva’ e como tal ela ‘deveria’ pertencer ao eu” (Roussillon, 1999b, p.21).

O aspecto paradoxal dessa defesa extrema se deve ao fato de que o eu se cliva de uma experiência ao mesmo tempo experimentada e não constituída como experiência do eu, o que suporia ter podido ser representada. De um lado, a experiência foi ‘vívda’ e portanto deixou ‘traços mnêmicos’ de sua experimentação

¹²² O trabalho pioneiro de G. Haag (1985), a partir da observação de crianças autistas e crianças entre 4 - 10 meses, atesta um nível de integração corporal da relação mãe-bebê nas duas metades do corpo, uma sendo assimilada às funções maternas ou parentais e a outra ao papel do bebê (como uma auto-maternagem, porém muito primitiva e corporal). Esse estudo, entre outras coisas, aponta para o fato de que mecanismos de defesa de tipo auto-maternante podem ser observados bastante precocemente.

¹²³ “O homem abandonado pelos deuses escapa totalmente à realidade e cria para si um outro mundo no qual, liberto da gravidade terrestre, pode alcançar tudo o que quiser. Se até aqui esteve privado de amor, inclusive martirizado, desprende agora um fragmento de si mesmo que, sob a forma da pessoa dispensadora de cuidados, prestimosa, cheia de solicitude e amor, na maioria das vezes maternal, sente piedade da parte restante e atormentada da pessoa, cuida dela, decide por ela, e tudo isso com extrema sabedoria e uma inteligência penetrante. (...) um anjo da guarda por assim dizer. Esse anjo vê desde fora a criança que sofre, ou que foi morta (portanto, ele se esgueirou para fora da pessoa durante o processo de ‘fragmentação’), percorre o mundo inteiro em busca de ajuda, imagina coisas para a criança que nada pode salvar... Mas, no momento de um novo traumatismo, muito mais forte, o santo protetor deve confessar sua própria impotência e seus embustes bem intencionados à criança martirizada, e nada mais resta, nessa altura, senão o suicídio, a menos que, no derradeiro momento, se produza algo de favorável na própria realidade” (Ferenczi, 1931-2, p.117). Ferenczi, como também Winnicott, parece mostrar a importância de não se considerar qualquer manifestação clínica de busca de morte como autodestrutividade.

e ao mesmo tempo, de outro lado, não foi vivida e apropriada como tal na medida em que, como diz Winnicott, ela não foi posta 'no presente do eu', o que suporia que ela foi representada (Roussillon, 1999b, p.20).

A dificuldade está no fato de que o clivado também pode retornar, já que a clivagem não faz desaparecer os traços da experiência traumática primária, e como o clivado não é de natureza representativa, ele tende a retornar em ato, assemelhando-se a uma pulsão de morte. Cabe ressaltar, mais uma vez, que a manifestação da pulsão de morte para os autores que herdaram a sensibilidade ferencziana é menos direcionada à questão de um desamparo existencial frente à certeza da morte do que às manifestações da morte na vida, ou seja, da asfixia da vida psíquica. As noções de trauma, clivagem e repetição aqui implicadas não podem ser explicadas através da fantasia, do desejo, do processo de recalçamento ou da pulsão de morte.

Se observarmos com cuidado a seqüência do texto [Além do princípio de prazer], notamos que a proposição da pulsão de morte é um *passo adiante*, a partir da constatação da compulsão à repetição. A pergunta a ser feita é: este é um passo *necessário*, uma seqüência lógica do passo anterior? Penso que não: a partir da compulsão à repetição, poder-se-ia dar *um passo em outra direção*. A contribuição de Winnicott nos indica, aqui, *uma outra direção possível na gênese da compulsão à repetição*: a falha precoce da mãe-ambiente, anterior à emergência de um Eu e de um objeto distinguíveis (Gurfinkel, 2001, p.259).

Como foi visto no capítulo dois, ao excluir a idéia de uma dominância da pulsão de morte no psiquismo, a alternativa ferencziana para se pensar os quadros graves ligados à compulsão à repetição, que levaram Freud a conceber a pulsão de morte em todo indivíduo, será a de que traumatismos precoces simulam um caráter congênito. A repetição presente nesses casos é diferente da repetição neurótica, ela é resultado de fraturas imprevisíveis e irremediáveis, causadas pela ação destrutiva do ambiente. Trata-se de impasses e fracassos no contato com os primeiros objetos. De certa forma, Ferenczi e Winnicott vão traduzir, em termos intersubjetivos, a idéia de uma crise da capacidade de ligação, exposta por Freud, em termos intrapsíquicos, em *Além do princípio de prazer*¹²⁴. Isto é, para eles, como afirma Figueiredo (2003), são as operações (de mediação, ligação e separação) efetuadas no início da vida pelos 'objetos' que permitem integrar os circuitos pulsionais e levar ao efetivo desenvolvimento as funções simbólicas e da linguagem. Esse tipo de operação teria faltado nos

¹²⁴ Em 1920, Freud faz os últimos acréscimos a sua teoria do trauma com a idéia de uma ruptura do sistema pára-excitação por excesso quantitativo de excitação, abatendo o princípio de prazer e ameaçando o aparelho psíquico de implosão. Com o rompimento do escudo protetor contra os estímulos e a saída de cena do princípio de prazer, a compulsão à repetição se instala na busca de neutralizar a ação devastadora do excesso de energia através da ligação com representações.

pacientes que tiveram a continuidade de sua existência interrompida precocemente (trauma), como os pacientes falso *self* (Winnicott) e falha básica (Balint).

Não haveria assim nenhum aspecto em si integrativo, ou não integrativo, na pulsão. É o fracasso do ambiente no processo da integração que traz algo de mortífero para a vida, pois o que não pode ser ligado pelo psiquismo se volta contra si mesmo, se torna uma ameaça. Roussillon (2000, p.82) utiliza o exemplo freudiano dos protistas para elucidar isso. Segundo Roussillon, a metáfora biológica de *Além do princípio de prazer* possibilita a Freud pôr em cena uma representação primária do psiquismo, o que não era possível de ser feito, com clareza, a partir da metapsicologia da época. O protista é ameaçado pelo que dele próprio, seus dejetos, não pode ser integrado e metabolizado. No entanto, diz Freud, uma intervenção externa, de um objeto, permite purificar a água dos dejetos, ambiente no qual o protista ameaçava degenerar-se. Assim, segue Roussillon, a criança, num primeiro momento, não pode introjetar a integralidade dos movimentos pulsionais. E o que ela não pode integrar, ameaça o processo de integração e se volta contra si mesma. É o que da pulsão não pode ser introjetado e, assim, ligado pelo psiquismo, que se torna ameaçador. Aí a pulsão não é de morte, ela se torna de morte pelo fracasso de sua integração.

No desenvolvimento humano, a imaturidade da sexualidade infantil implica assim uma função do ambiente, uma função 'purificadora' do ambiente ou, se tomamos o problema pelo outro lado, uma função pára-estimulante do ambiente. O que o psiquismo infantil não pode integrar da excitação pulsional deve ser tratado pelo ambiente, seja *a posteriori*, caso a experiência de excesso já tenha acontecido, seja antes, por uma proteção ativa, e isso enquanto uma organização suficientemente complexa não tenha acontecido, o que seria o terceiro tempo. A pulsão não comporta perigo em si mesma, ela se torna perigosa quando ela excede as capacidades de tratamento da dupla formada pela criança e seu ambiente (Roussillon, 2000, p.83).

Nessa perspectiva, a dinâmica entre vida e morte psíquica depende sobretudo do resultado da relação com os primeiros objetos. As defesas narcísicas entram em jogo quando a função purificadora ou imunizadora (para empregar o termo usado por Ferenczi) do ambiente fracassa. Ou seja, o importante a ser frisado é que se a pulsão ameaça o eu, este, por sua vez, tentará matar a pulsão. Assim, em seu esforço para se proteger da ameaça de morte contínua da excitação pulsional, é do eu que virá, dessa vez, a ameaça de morte. O eu se torna agente de despulsionalização, criando modos de ligação não simbólica da excitação pulsional, visando sua extinção.

Nesse sentido, dizer, como Freud, que os mecanismos das pulsões de

vida e morte são a ligação e o desligamento é insuficiente. Segundo Green, essa afirmação deve ser complementada pela idéia do conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte, considerado em termos de uma função objetalizante (a ligação enquanto uma objetalização da libido), cuja consequência principal é a simbolização, e outra desobjetalizante (o desligamento, implicando um desinvestimento, uma desobjetalização). No desligamento, todos os substitutos do objeto são atacados, como o eu, por exemplo, e o próprio investimento.

Isto não apenas significa que seu papel [função objetalizante] é de criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas que ela se revela capaz de transformar estruturas em objeto, mesmo quando o objeto não está mais diretamente em questão. (...) Este processo de objetalização não se limita a transformações de formações tão organizadas como o eu, mas pode dizer respeito a modos de atividade psíquica, de maneira tal que, no limite, é o próprio investimento que é objetalizado (Green, 1988, pp.64-65).

Green chama atenção para o fato de o objeto ser o catalisador da ligação¹²⁵. Aqui, diferentemente das teorias da relação objetal que se concentraram demais no objeto em si, o que é enfatizado é a função implicada, ou seja, a possibilidade de transformação das estruturas psíquicas em objetos tornados propriedades do sujeito. A questão é que, se a vida da criança depende dos cuidados do objeto, este deve, ao mesmo tempo, estimular e conter a atividade pulsional, oferecer-se e se recusar enquanto objeto de prazer. Se o objeto é o que torna a excitação suportável ele é, segundo Green, o revelador das pulsões.

Ele não as cria – e sem dúvida podemos dizer que é criado por elas, pelo menos em parte – mas é a condição de seu vir a existir. E é através desta existência que ele mesmo será criado ainda que já estando lá. É esta a explicação da idéia de Winnicott do encontrar-criar (Green, 1988, p.64).

Em toda essa discussão, o foco é menos o da natureza das pulsões e mais o da forma como elas são organizadas pelo Eu. O que está em jogo é a possibilidade de conceber a pulsão como experiência do próprio sujeito. Na clínica, isso será traduzido por uma priorização da idéia de continente¹²⁶ e não de conteúdo psíquico (Souza, 2001b). Ou seja, trata-se de formar um continente para que a busca desejante, interrompida ou mesmo impedida de existir, seja possível. Em outras palavras, trata-se de refletir sobre a ação psíquica do que

¹²⁵ “O objeto é o agente que opera a função objetalizante no sujeito. Esta é a expressão da pulsão sexual que, segundo Freud, é a função que permite reconhecer o Eros da pulsão de vida ou pulsão de amor por seu indício, a libido” (Green, 1984, p.246).

¹²⁶ Aqui estou fazendo um uso mais livre da idéia de continente, próximo do *holding* winnicottiano. Contudo, a idéia de ‘continente/contéudo’, em Bion, e a de *holding*, em Winnicott, embora muitas vezes consideradas quase sinônimas, devem ser diferenciadas. Para tanto, conferir o excelente artigo de Ogden (2006) “Maintenir et contenir, être et réver”.

não foi ou não pôde ser historicamente representado e sobre os meios de retomar, no aqui e agora, o trabalho de simbolização entravado. Isso porque as atividades de representação e simbolização primárias são fundamentalmente intersubjetivas e, assim, subordinadas à qualidade e condição da relação. Roussillon (2005b) lembra que ao dizer a sua paciente, Margaret Little, que a mãe dela era caótica, o objetivo de Winnicott não era culpabilizar a mãe, designando-a como objeto mau, e sim permitir que a paciente não sentisse seu caos interno como o simples efeito de uma pulsão anárquica e desorganizadora, restituindo assim a perspectiva de uma dimensão objetal perdida na regressão narcísica confusional.

Como se pode ver, com a ultrapassagem da oposição pulsão/objeto, também se opera uma desconstrução da oposição entre a clínica da interpretação e a do *holding*. Em Freud, as ligações estabelecidas para constituir a atividade pulsional não implicam nenhuma interferência do objeto no processo. A simbolização em Freud é um processo inato e universal que se observa nos sonhos. Trata-se de uma característica inerente ao aparelho psíquico, a de possuir propriedades transformadoras. Em Freud, “se a interpretação psicanalítica é possível é porque ela opera sempre sobre o já interpretado” (Green, 1984, p. 242). Ou seja, a interpretação do analista sempre dissolve uma interpretação anterior¹²⁷. Além disso, na clínica ortodoxa da interpretação, o objeto não possui qualidades. Basicamente, a diferença entre a análise clássica interpretativa e a análise do *holding* é que, na primeira, o eu é um aliado que se encarrega do trabalho de síntese, às vezes até excessivamente, e o trabalho é o de desmontagem, decomposição. Já na segunda, o eu não chegou a estabelecer defesas elaboradas, muitas vezes ele estabeleceu falhas na possibilidade de constituição dessas defesas. Nestes casos, a interpretação deve dar conta de algo a mais, além da decomposição, ela deve ser uma criação conjunta, baseada na imaginação e mesmo na capacidade de síntese e de ligação do analista (tal como o meio deveria ter podido funcionar). Hoje é possível conceber ambos os processos, com predomínio de um ou outro, em um mesmo paciente. “A dimensão do ‘aqui-e-agora-comigo’ se articula com o ‘lá-outrora-com-um-outro’”. Além disso, a interpretação não é apenas decifração, mas também poiesis, criação de sentido” (Urribarri, 2006, p.665). A partir de Winnicott, a tarefa do analista consiste também em dar tempo ao paciente para constituir e articular seu mundo interno no espaço potencial da situação analítica,

¹²⁷ Neste sentido, apesar de sua reformulação da teoria pulsional, a perspectiva de Laplanche permanece bastante próxima da de Freud.

cujas potencialidades são, em grande parte, criadas pelo próprio analista.

Restabelecer, na relação de si consigo mesmo, o impacto e a forma do que foi a resposta histórica do primeiro objeto-espelho, permite reencontrar o movimento inicial e lhe fornecer uma nova chance de receber, na relação presente, outro tipo de resposta à 'mensagem' dirigida ao objeto pelo movimento pulsional. (...) Winnicott nos convida a pensar que, ao lado das funções tradicionalmente reconhecidas por Freud à pulsão, deve-se talvez acrescentar uma função a mais. Eu diria, na falta de outra melhor, e sem estar completamente satisfeito com esta fórmula, que a pulsão tem também uma função mensageira (Roussillon, 2005b, p.75).

Diferentemente de Laplanche, portanto, para quem a pulsão encontra sua origem nas mensagens enigmáticas dos adultos, na perspectiva de Winnicott, a questão da fonte da pulsão (corporal ou não) não é muito problematizada, o que é valorizado é a possibilidade de apropriação subjetiva da pulsão. Fica, contudo, a questão de se a pulsão precede as interações sensoriais da criança com o ambiente ou se estas experiências é que virão posteriormente integrar a pulsão.